

## A OBRA DE CARMO BERNARDES: ARTE E FONTE DE PESQUISA

Maria Helena de Souza

Nas vezes em que ouvi o autor se pronunciar em público, ele se apresentou sempre despretençioso e simples, dizendo desconhecer o aspecto teórico-crítico da criação literária. Entretanto, sua capacidade criativa de talentoso artista é evidenciada em suas obras, através de hábil estruturação e manipulação da linguagem. Suas narrativas revelam qualidade de conhecimento e percepção da natureza humana, ficcional e dos recursos da linguagem que possibilitam ao leitor descortinar um mundo de densidade incontestável. Seus contos e romances apresentam, de fato, instantâneos do cotidiano que sugerem de pronto ao leitor imagens vivas e realistas de pessoas e situações que transcendem os limites das mesmas sugerindo implicações universais.

O registro do interior goiano por Carmo Bernardes traz marcas preciosas que preservam não só suas imagens mas o espírito de seu povo. Suas narrativas apresentam uma gama variada de situações, ora cômicas, ora trágicas, ora uma combinação de ambas. O homem é sempre o elemento de destaque apreendido no seu meio e conseqüentemente com o que esse meio lhe proporciona. O autor envolve o leitor numa captação estética e ao mesmo tempo de implicações psicológicas, sócio-culturais e antropológicas, entre outras. Suas personagens, numa visão superficial, podem enganar o leitor incauto como se fossem tipos: "O caboclo, 'o matuto', 'o bobo', 'o pescador', etc.; entretanto, mesmo a partir de uma categori-

zação, cada personagem se coloca como ser individual vivendo uma situação própria e por isso mesmo universalizante.

Carmo Bernardes acaba de publicar o romance **Memórias do Vento**, o último da trilogia de que fazem parte **Jurubatuba** e **Nunila**. A ação de **Jurubatuba** passa-se no campo, a de **Nunila** na comunidade pequena e **Memórias do Vento** na Cidade. Embora não tenha lido ainda **Memórias do Vento**, quero crer que tem a força dos dois romances que o precedem. Em **Jurubatuba**, o leitor descortina imagens coloridas e belas do campo, anseios e problemas do homem simples no meio rural, através de uma narrativa vibrante e objetiva. Em **Nunila**, o personagem principal participa de um outro contexto social mas vive também seus problemas e anseios que resultam dessa realidade social em que está inserido e é apresentado com clareza, simplicidade, arte e sutileza.

Pretendo neste trabalho proceder à análise do conto "A Tapuirana de Estimação", que é o primeiro de **Reçaga**, e a primeira narrativa de Carmo Bernardes que tive oportunidade de ler, servindo-me de motivação para prosseguir nessa descoberta de um filão rico da literatura goiana. A estruturação desse conto fornece ao leitor uma ilustração da habilidade do autor em captar uma realidade de Goiás e processar sua transmutação em criação literária. Considerando-se a riqueza de sua obra, pretendo ainda, sugerir algumas perspectivas de pesquisa que suas narrativas propiciam.

Quando se lê "A Tapuirana de Estimação" pode-se ver que o enredo é simples: Raimundinho Maranhão, caboclo morador da região do Araguaia, vai apanhar tartaruga, como era de costume na época. Escolhe seu cantinho na areia e, depois de forrá-la com um saco de linho, usa a rede para se cobrir. Por perto, alguns companheiros também acampam. Uma onça aparece e Raimundinho, na tentativa de afugentá-la, vê sua rede cair sobre ela. Raimundinho pensa em atirar na onça mas não o faz por temer estragar sua rede. Apela nesse sentido para os companheiros que também querem atirar. Um deles monta naquele "pacote" na areia matando a onça com um facão, contudo, sem estragar a rede.

De fato, a história é simples, mas construída com arte e realismo seguindo intuitivamente os princípios estabelecidos por Edgar Allan Poe no que se referem à coerência interna e plano. O que Poe disse no Prefácio de **Twice-Told Tales** de Hawthorne vale dizer de Carmo Bernardes:

*Um talentoso artista literário construiu um conto. Sábio, ele não dispôs de seus pensamentos para acomodar a seus incidentes, mas tendo deliberadamente concebido um certo e único efeito a ser alcançado, ele então inventa tais incidentes, e combina tal efeito pré-concebido.*

*Se sua sentença inicial não tende a despertar esse efeito, então ele falhou no seu primeiro passo. Na composição não deveria haver nenhuma palavra escrita de cuja tendência, direta ou indireta, não seja a do plano pré-estabelecido.*

Como se nota em “A Tapuirana de Estimação”, Carmo Bernardes inicia o texto preparando o leitor para o desenrolar da ação que vai culminar no acontecimento final e de efeito central nesse conto. Com maestria, o autor inicia a narrativa de modo espontâneo e natural: “Nesse tempo, certos trechos lá no Araguaia apresentavam muita onça.

Os elementos propiciadores de um evento como o que o autor pretende narrar já se encontram nessa primeira oração: o local — o Araguaia, o tempo — “nesse tempo”, e o elemento de conflito: a onça.

Em seguida, o narrador afirma: “De setembro em diante, até meados de novembro conforme corresse o ano, as gatas desciam dos gerais a fim de pegar as tartarugas na desova e era um tal de passar susto no povo, uma coisa medonha. Povo que também ganhava as praias com o mesmo intuito de panhar ovos”.

A apresentação do tempo — agora mais explicitado, da motivação que leva o povo e as gatas ao local — tartarugas e/ou seus ovos, bem como do fator de conflito da trama — passar susto, no primeiro parágrafo, revela por parte do autor uma cuidadosa e consciente preparação para o desenrolar da ação. O autor trabalha conscientemente os elementos da narrativa sem, contudo, deixar perder a naturalidade com que a mesma vai sendo desenvolvida.

Nos parágrafos seguintes, o narrador explicita as condições do lugar, tecendo considerações sobre o modo de ser do homem e animais no mundo, suas necessidades, seus anseios, seus relacionamentos com os outros seres e objetos que o circundam, criando um clima de realismo para introduzir seus personagens principais: Raimundinho, sua rede e a onça.

O narrador ao pretender que suas considerações não têm importância ou relação com o caso que vai narrar, chama justamente a atenção do leitor para esse caso. Ele passa assim do macrocosmo para o microcosmo, do geral para o particular, da abstração para uma experiência concreta. Ele o faz criando, além disso, uma expectativa no leitor:

*Mas isso não vem ao caso, porque a estória é a respeito de onça passar susto em gente; quando elas vinham à praia. Uma vez dessas, um tal Raimundinho Maranhão embarafustou-se com uma gatona, daquelas de pinta larga, onça macho, e é capaz de que um caso como foi aquele nunca mais sucederá com ninguém, em canto nenhum do mundo.*

No decorrer da história de Raimundinho a primeira referência à rede é feita através de uma negativa de ação quando a expectativa seria de uma afirmação: “. . . e não foi armar a rede no mato”. Com isso, ele chama a atenção do leitor para o objeto prenunciado desde o título do conto. Aliás, o título contém uma sinédoque em que o termo ‘tapuirana’ é usado por rede e também a expressão reveladora de um tipo de relacionamento homem-objeto, personagem-rede: — estimação.

O narrador salienta a importância da rede, descrevendo-a detalhadamente como um objeto de arte, escolhido com cuidado e conservado com carinho e zelo. Sua descrição segue a perspectiva e modo de ser do personagem Raimundinho, embora não haja transferência do sujeito de enunciação.

*A rede era tapuirana, tecida num repasso custoso e muito florido, tinha uma montoeira de penduricalhos e um labirinto assim de uns dois palmos e meio de largura. Uma beleza a rede dele. Povo considera a tapuirana o teçume mais forte que existe, comparado na fortidão a couro de mexirra. Raimundinho tinha mandado vir do Piauí, essa prenda, dum lugar por nome Gurguéia. Pagou por ela a fortuna de três primeiras de pele de gato e duas de ariranha. Ceúme que ele tinha dessa rede era uma coisa desmedida, como se ela fosse de vidro e quebrasse.*

Os recursos de que se serve o autor neste parágrafo, com relação à estruturação do mesmo e escolha das palavras, algumas marcadas por desvio dos padrões fonológico e morfológico, como “teçume”, “fortuna” e “ceúme”, contribuem para evidenciar não só o tipo do objeto mas também alguns aspectos da personalidade de Raimundinho, bem como de sua relação com esse objeto e com o mundo.

Um mesmo recurso estilístico é utilizado com objetivos diferentes. Exemplo disso tem-se no discurso direto utilizado em dois momentos. Com o primeiro tem-se um sinal revelador do estado psicológico do personagem, quando este toma conhecimento da presença da onça. Isto se torna claro pelo período que o introduz:

*Então ele teve completa alerta, o sentido espevitou-se e calculou: — É uma raposinha desbriada que está aqui me cheirando e eu vou dar um espanto nela.*

Com o segundo tem-se um recurso dramático que completa a imagem auditiva e hiperbólica:

*Pensou e fez: firmou o espinhaço no chão, atacou de repente os quatro pés nessa rede pra cima e berrou feio, com quanta força teve:  
Eh bicho, diá! . . .*

Essas imagens são acrescidas de uma imagem cinética de beleza pictórica, introduzida por uma expressão de admiração:

*Nó . . . ossa mãe! Pra quê, meu divino? Caso incompreensível . . . A tapuirana abriu-se inteira — nem que fosse tarrafa funcionaria tão a contento — peneirou no ar e desceu rebuçando a gata inteirinha, das berrugas da venta até a ponta do rabo.*

O narrador prossegue expondo o que ocorreu com a onça e a rede revelando um clima de tensão que afeta Raimundinho que não para de pensar no que fazer: “Com a fulminante pensava em atirar mas se atirasse furava sua rede.”

A passagem de uma imagem para outra é rápida e vai culminar na cena em que Raimundinho brada para seus companheiros, que iam chegando e querendo atirar:

*Não atirem que ocês furam minha rede!  
Atira que atira; atira não que ocês estragam minha rede, até que finalmente um cabra mais decidido chegou e amontou naquele troço empacotado rolando lá na areia e, com muito custo, abriu uma brecha num dos punhos da rede a (sic) guardou o facão na guela da onça.*

As imagens auditiva e visual contribuem para o clima da história e com o seu desfecho o narrador sugere as implicações temáticas desse conto. Aliás, estas já vinham sendo preparadas através das perguntas retóricas no decorrer da narrativa e recurso que é também utilizado no final do texto.

Examinemos essas perguntas. A primeira é formulada logo após o comentário sobre o Rio Araguaia, os viventes, as criaturas aquáticas e o resto da criação e é centrada nos peixes:

*Já pensou na alegria que os peixes devem sentir tendo largueza imensa para navegar, frutos e insetos com abundância para mampar?*

Ao se dirigir diretamente ao leitor, o autor-narrador chama sua atenção para uma reflexão quanto ao conteúdo do período imediatamente antecedente e ao mesmo tempo estabelece uma relação com o período anterior. Isto leva o leitor a refletir sobre a alegria e a satisfação do homem quando pode circular no seu meio e contar com fartura para se alimentar. A pergunta está também associada ao acontecimento central do conto pois o personagem está desfrutando da natureza e do que ela lhe propicia.

A segunda pergunta: "Já viu só que situação" dá idéia do imprevisto do que ocorreu com a rede bem como aproxima o leitor do fato em questão, fazendo gerar certa curiosidade em relação ao desfecho da trama. Além disso, sugere que ninguém está livre de ter algo surpreendente a lhe acontecer.

A pergunta final: "Será que um caso desse ainda pode acontecer?" traz no seu interior uma grande ambiguidade e riqueza de possibilidades, entre as quais:

- a) a situação relatada pode ocorrer novamente;*
- b) há ainda pessoas que tentam conciliar a presteza e agilidade com a prudência;*
- c) há ainda pessoas que valorizam seus companheiros e por eles correm riscos;*
- d) um objeto como a rede pode significar tanto para um homem;*
- e) a arte pode suplantar a realidade?*

Carmo Bernardes conseguiu não só contar uma história mas o fez com engenho e arte transmitindo ao leitor um instantâneo da vida de um personagem, sua relação com um objeto e apresentando, ao mesmo tempo, oportunidades de questionamentos críticos da parte do leitor. O significado do personagem transcende seu próprio ser e revela não a importância do possuir mas da relação do homem com os outros homens em que a atenção e amizade são os sentimentos que predominam e são capazes de resolver o conflito. Naturalmente, como toda obra de arte, o conto "A Tapuirana de Estimação" sugere outras interpretações e outras abordagens.

Essa narrativa e outras do autor constituem material rico para pesquisa, cujo estudo pode envolver entre outros elementos:

- a) a linguagem no que diz respeito aos diversos níveis: fonológico, lexical, morfológico, sintático, semântico e estilístico, com seus recursos cuidadosamente utilizados;

b) os provérbios e ditos populares, não só através de um levantamento dos mesmos mas também de uma abordagem crítica desses.

Alguns exemplos desses:

*"passam no buraco da cerca ("A Tapuirana de Estimação")*  
*"antes um mau acordo do que uma boa demanda" ("O Último Natal")*  
*"Dormi com as mãos encruzada no peito, na tranquilidade de quem neste mundo nada deve "Dois medrosos a' as três")*  
*"Feliz do cabido em que fica o chapéu do marido" . . .*

c) a enunciação através dos tipos de narradores: o personagem narrador, como na maioria de suas narrativas ou o narrador observador ou ainda um entrelaçamento de narradores.

d) os diversos tipos recorrentes de personagens, que se individualizam no contexto de sua obra, dentre eles: "O caboclo", "o bobo", "o jagunço", "o pescador", "a onça", etc.;

e) o estudo teórico das imagens-apelo aos diversos sentidos e o levantamento destas nas diversas obras do autor, desde à imagem visual até a sinestesia;

f) os costumes da zona rural e da cidade pequena através da vida de seus moradores ou passantes, das atividades, reuniões e distrações do povo interiorano, como o trabalho cotidiano, como por exemplo: pescaria, romaria, pagodeira, reza, etc. que fornecem dados sociológicos e antropológicos de valor inestimável:

g) os temas que envolvem o homem no conflito consigo mesmo e com os outros homens;

h) o tempo e o espaço que fornecem elementos como os de mais para o estudo de uma visão de mundo.

#### NOTAS:

- 1 BERNARDES, Carmo. "A Tapuirana de Estimação", In: . Reçaga. Goiânia, Livraria Editora Cultura Goiana, s.d.
- 2 POE, Edgar. "Twice-Told Tales" In: . Selected Writings. Harmondsworth, Penguin, 1974, p. 146, trad. da autora.
- 3 O termo tapuirana é definido por Caldas Aulete como "certo tecido com que se fazem rede para descanso, também dizem tapuarana". In: DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 5 v., Rio de Janeiro, Editora Delta, 1964, v. 5. .